



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 12 de Agosto de 1978 * Ano XXXV — N.º 898 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

«Ninguém resolve dificuldades por lhes virar as costas» (Pai Américo).

Atravessa o País dificuldades tremendas, reflexo não só da crise geral do Mundo, como de particularismos específicos de monta. Há quem, e com certa razão, ponha em causa a própria sobrevivência da Nação se não forem encontradas soluções urgentes para os graves problemas que a afectam. De qualquer maneira, e como é hábito, são sempre os mais débeis a sofrer, na carne e no espírito, as consequências trágicas do estado caótico em que se vive, com tendência para empolamentos imprevisíveis.

No nosso modesto entender, se os Homens Públicos tiverem a coragem de pôr os interesses gerais acima dos pessoais e partidários, em espírito de serviço e de humildade, por mais gravosos que possam ser os óbices ou escolhos a vencer, não haverá dificuldades intransponíveis. Falar no Povo ou apelar para ele não deve ser uma maneira subtil de o ludibriar ou via em ordem a estabelecer a tirania ou o despotismo de grupos de interesses ou de classes. Antes deve significar um compromisso sério de servir, nem que tal envolva, eventualmente, sacrifícios ou austeridades, mas um e outro partilhados, logo à partida, por todos. Ao contrário, serão a mentira e a demagogia a prevalecer, com as consequências deletérias de que a História nos aponta casos flagrantes.

O exemplo de Salomão, de que nos fala a liturgia do dia em que escrevemos, será de relembrar e de reter. Entre tudo aquilo que poderia ter escolhido, preferiu a sabedoria para bem governar o seu povo, em paz e justiça. «Dai ao Vosso servo um coração compreensivo, para distinguir o bem do mal», eis o pedido do Rei, em ordem a proceder com harmonia e rectidão na gestão dos negócios públicos. E a resposta de Deus veio: «Uma vez que me fizeste esse pedido e não rogaste que te desse longos anos, nem riquezas, nem a vida dos teus inimigos, antes Me pediste inteligência para distinguir o que é justo, vou conceder-te o que Me disseste: Vou dar-te um coração tão prudente e esclarecido que...» Mas para proceder assim é preciso ser-se humilde e disponível, sem auto-suficiências anquilosantes, pelo egoísmo e busca de si próprio que comportam.

Apalpando, no lugar de observação em que nos encontramos, a deterioração acelerada da vida nos seus múltiplos aspectos, social, económico, moral e espiritual, não queremos todavia perder a esperança de melhores dias. É que «o cristão é o homem da

Continua na QUARTA página

Calvário

O evoluir cada vez mais vertiginoso de novos métodos, de novas técnicas, de novos sistemas em todos os domínios da actividade humana criam, por um lado, tensão e ansiedade, não se vá perder a marcha corrente e, por outro lado, uma dose de frustração e de desânimo paralisante quando se não consegue acompanhar o passo dos mais expeditos.

No sector a que nos dedicamos pode evidentemente ocorrer tanto aquela tensão como este desânimo, sobretudo este, dado o material humano que a sociedade nos oferece.

Mas o estatuto de Padres da Rua, a que desejamos ser fiéis, liberta-nos tanto da ansiedade como da frustração, nesta corrida contemporânea. Talvez, por momentos, aos olhos do mundo nos encontremos fora do seu passo. Certamente que não somos entendidos por aquele no andar que levamos. Mas queremos ser coerentes. A tentação de o não ser vem ao nosso encontro, umas vezes, pela presença de «amigos» que desejam ajudar-nos a encontrar novos caminhos. Outras vezes, pela chegada de papéis informativos de luzes que clareiam em gabinetes, em conferências. E ainda, não raro, pelo surgir de profetas que se

levantam nas praças públicas proclamando boas novas. Mas queremos ser coerentes. Desejamos ser verdadeiros na pequenez não teimosa, mas convicta, de quem acredita em si mesmo como padres da Igreja, como amigos sinceros dos Pobres, não tendo outra riqueza para partilhar com eles além da pobreza de si mesmos.

Corremos o risco de não ser compreendidos, de ser considerados mais que ultrapassados. Que importa isso! Guardamos o desejo de ser fiéis ao Estatuto de Padres da Rua, tal como Pai Américo o concebeu. E quem não for capaz de nos entender que não critique. Fugir ao espírito, em que todos queremos mergulhar, custe o que custar, seria perdermo-nos totalmente, não digo na vulgaridade, mas no turbilhão do mundo de ideias, de conceitos, de aventuras não provadas.

Deixem-nos ser simples. Permitam-nos generosamente que não embarquemos nos veículos da moda, mas continuemos a querer cada vez mais voltar às fontes puras do Evangelho dos Pobres.

Há uma presença estimulante em nossas Casas que guardamos como alimento, como força, como luz e caminho. É Cristo presente nas nossas Capelas, simples mas dignas.

Alguém sugeriu-me há tempos que substituísse a candela de azeite, que ali mantemos acesa, por lâmpada eléctrica de consumo nulo. Alegou que era uma medida económica e prática. Não contestei a medida. Protestei, isso sim e fortemente, contra a visão económica da medida. Quero manter aquele consumo de azeite, aquele desperdício aos olhos do mundo, como exigência da fé, como sinal de obrigação de nos darmos a Ele. E tão pouco damos a Quem tudo nos dá! Pensar que aquele azeite vem a fazer falta é pôr em dúvida a própria fé. Os critérios de quem anda sob pressão económica não poderão ser os de um cristão.

Refiro este episódio a título de exemplo de como podemos andar em passo lento nos dias da era espacial. Mas é o desejo de ser fiel que a tal nos coage. É critério de pobre com aparência de rico!

Mas perder aquele pouco que arde permanentemente na nossa Capela é libertarmos-nos da tensão do mundo materialista. É afirmar com um sinal luminoso o relativo do económico. É dizer Quem nos alimenta, Quem nos ilumina e a Quem desejamos ser fiéis.

Padre Baptista

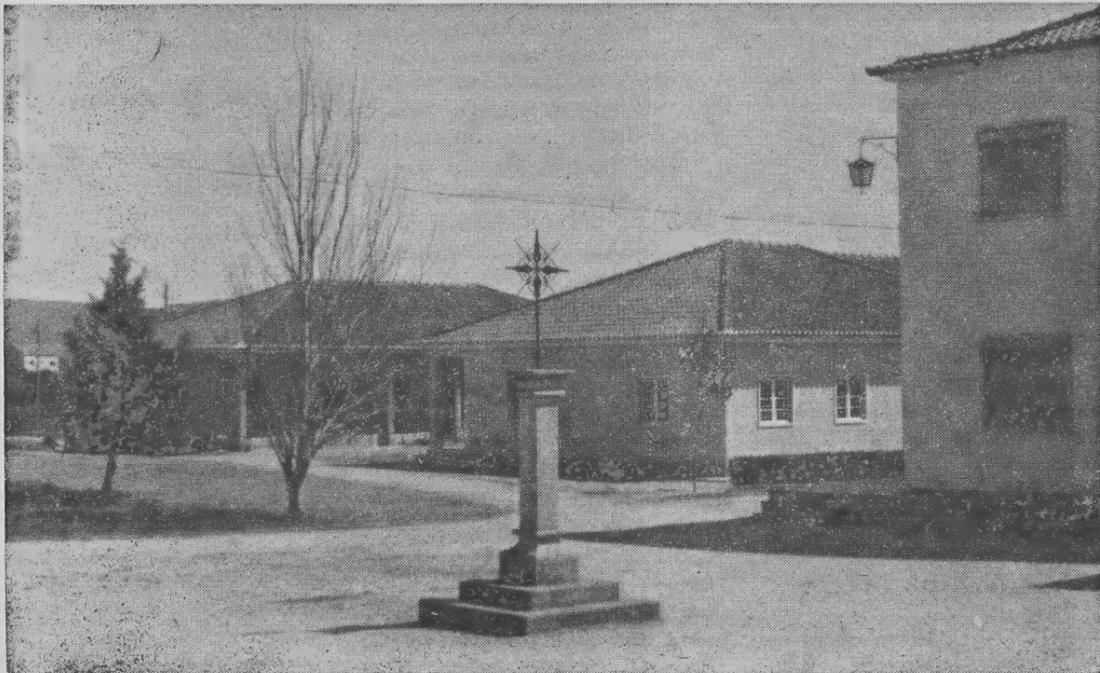
A G O R A

As duas cartas ultimamente publicadas a jeito de S. O. S. tiveram o acolhimento a que nos habituaram os nossos leitores. Jornal nas mãos deles, resposta na volta do correio. Uns quantias grandes, outros pequeninas — não interessa, pois nunca os nossos empreendimentos nasceram dos grandes números, antes rendem consoante o que cada um empenha nos seus dons a sua própria consciência de cristãos.

Aliás, ao dá-las a conhecer, não era tanto nem só os problemas que elas revelavam, mas o de muitas outras famílias a braços com a sua casinha que esperavam a nossa

possibilidade de lhes dar as mãos. Daí a força desta comunicação. Daí o nosso desejo de que não fossem apenas casos particulares, transmitidos, porventura, com mais vivacidade, a motivar os nossos leitores para esta coluna, que tem respondido ao longo dos anos e está para responder enquanto for preciso, à inquietação de muitas famílias ocupadas com o difícil e primário problema da sua habitação e a quem é preciso encorajar com a nossa solidariedade, para que levem a bom termo as suas iniciativas e, com o seu êxito, con-

Cont. na 4.ª pág.



A cruz é um símbolo vivo em todas as nossas Casas. Na Casa do Gaiato de Lisboa, também.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

«VOZ DOS RIDÍCULOS» — No dia 23 de Julho esteve connosco a «Voz dos Ridículos» e pessoas amigas do grupo que acompanham semanalmente o seu programa na RDP.

Não me lembro, desde que cá estou, de ver tanta gente em nossa Casa! Nem sequer havia lugar para os carros estacionarem! Ele era na mata, na fonte de S. João, no campo de futebol, no pomar, nos jardins, etc. — estava tudo cheio!!

O largo junto à nossa adega, da parte de tarde, esteve repleto com o engraçadíssimo espectáculo que o grupo nos quis oferecer. Os nossos «Batazinhas» também participaram no programa com algumas canções bem conhecidas, principalmente daqueles que acompanharam a nossa Festa o ano passado.

Por sua vez, o grupo visitante dedicou-nos uma canção cujo refrão passamos a transcrever:

*Ó gaiato tu és bom
Tu mereces a felicidade
Ter na mesa sempre pão
E cantares a tua liberdade.*

Enquanto decorria o espectáculo recolheram mais de trinta contos para a nossa Obra.

Estivemos todos bem dispostos, gostámos do espectáculo e agradecemos a amizade que nos dispensaram. Agradecemos, sinceramente, a vossa simpática visita, na certeza de que pr'o ano cá estareis para nos alegrar e conviverdes connosco. Um abraço de amizade de todos nós.

MÚSICA — A música, por estas bandas, não anda adormecida.

Com o Festival que o Centro Cultural de Cete se propôs realizar, temos andado bastante atarefados nas nossas horas livres a captar notas e mesmo a compor as respectivas formas das canções.

Outro dia veio para junto de nós um pequenito que quando nos viu a ensaiar se dirigiu a mim pediu para que o deixasse tocar bateria.

Nós temos uma bateria nova, uma viola de caixa electrificada, um amplificador de viola... O resto virá quando houver dinheiro.

Isto vem a propósito do pequenito. Pois eu não o deixei, mas prometi-lhe que o deixaria mostrar as suas habilidades, na outra, velhinha.

É bom que haja rapazes com gosto para levarem avante o propósito que nos propusemos iniciar.

Continuamos a tocar na Missa dominical, mas como temos pouco tempo para ensaiar e rever cânticos, temos andado a tocar quase sempre os mesmos. Vamos ver se para o começo das aulas teremos novos cânticos. Os jovens gostam de coisas novas...

Desta vez, como o dinheiro recebido foi pouco, daremos notícia no próximo número.

UMA CARTA — Recebemos uma carta duma nossa amiga de 15 anos, «muito curiosa», segundo ela, que faz perguntas sobre a nossa Casa. Eu já lhe respondi pessoalmente, mas queria transcrever um bonito poema seu, também muito curioso:

O AMANHÃ COMEÇA HOJE

*O amanhã começa hoje
Construção aqui sonhada
E o amor servirá de pão
Prós heróis desta jornada.*

*Iremos de mãos dadas
Sem grilhões nem espingardas
Plantar flores nas montanhas
Feitas de espada as enxadas.*

*Pelo amor dos que caíram
Pelo amor dos que ainda lutam
Destruiremos as fronteiras
Dos campos que se disputam.*

*O mundo que se avista
Será um Mundo Novo
À mesa da igualdade
Se sentará todo o povo.*

*Pois queremos a PAZ
Pois queremos a VIDA
Queremos a AMIZADE.*

Assim, para a autora, agradecimentos muito especiais e que nos escreva sempre porque não é tão maçadora quanto ela mesma se designa com as suas cartas, pelo contrário. Obrigada.

FÉRIAS — É costume na época do Verão alguns dos nossos casados de outras Casas e mesmo os que já saíram, virem passar connosco uns dias das suas férias na casa da mata.

Desta feita, encontra-se connosco a família Gomes, a passar 15 dias. O local é bom e fresco. O aroma dos nossos pinheiros e eucaliptos é consolador.

Boas férias na nossa companhia é o que vos desejamos.

BATATA — Estão na colheita da batata. É um trabalho árduo mas,



Hélia Salomé e Ivo Gabriel, filhos do Bernardino e da Celeste.

feito com boa vontade, até não é nada custoso.

Uma parte dos rapazes mais novos anda por lá a apanhar o tubérculo e a ensacar para ser transportado ao celeiro.

Apesar de este ano não termos falta de batata, porque nos deram bastante, vamos a ver se a colheita é razoável e em quantidade para compensar os dias de trabalho longo e duro.

ÉPOCA BALNEAR — As praias começaram. Os rapazes dos turnos têm andado muito calados, não querendo informar-nos do que se passa em cada turno!

É só pegar num papel e lápis e deitar mãos à escrita... Têm essa obrigação!

PEDIDO — Uma senhora que veio de Benguela e que vive em condições precárias dirigiu-se-nos que pedíssemos uma máquina das antigas, para poder consertar a roupinha de casa.

É uma senhora com vários filhos e que vive em condições mesmo impossíveis.

O pedido fica ao vosso critério, na certeza de que compreendereis esta pobre senhora que tanto necessita duma máquina de costura.

«BODAS DE PRATA» — O nosso Júlio Mendes e sua mulher comemoraram, no dia 1 de Agosto, 25 anos de casados.

Foi um dia festejado com a presença de vários representantes da nossa Obra e não faltou mesmo o chefe-maioral em representação da Comunidade de Paço de Sousa. O ponto central das cerimónias foi a Santa Missa, às 11 h., concelebrada pelos nossos Padres.

Oxalá continuem a ser felizes. E que Deus os ajude nas suas dificuldades, que aliás não serão poucas — nos tempos que correm!

Parabéns, são os votos da Comunidade.

POMBAL — O Sampaio é o nosso actual enfermeiro. É da Casa do Gaiato de Benguela e veio para Portugal provisoriamente, por motivos de doença. Veio fazer uma operação à coluna.

Como já está melhor, estuda na Escola Industrial em Penafiel e, nas horas livres, faz curativos e trata dos seus pombos no nosso pombal.

Perguntei-lhe, há alguns dias, se gostava de tratar os animais. A resposta foi dada sem hesitação: — Gosto.

Já tem um par de pombos acasalados à espera de cria. O trabalho que ele vem tendo não é pouco e enquanto uns tomam o delicioso banho na nossa piscina, ele trata dos pombos. O desejo de ter pombos ou qualquer outra coisa apoderou-se dele e ninguém mais lho tira. Ele lá anda e continuará.

DESPORTO — Últimamente têm andado com uma fúria, quase diariamente, no que toca a treinos de futebol!

É o levantar às 5 horas da manhã para treinarem pela fresca.

O programa é o seguinte: Quarta-feira, corta-mato; quinta, toque de

bola; sexta-feira, tática; sábado, futebol. O treinador é o Álvaro, actual responsável pelo sector desportivo.

Como vêm, o sacrifício e a vontade é demonstrada pela malta: levantar cedo para os treinos. Mas acontece que, qualquer dia, temos de ficar parados no que diz respeito a futebol. O problema dos equipamentos (camisolas, calções e meias) volta ao de cima e nós sem sabermos como o resolver!...

Doutras vezes que pedimos, chegaram roupas de ginástica, etc., e mesmo um equipamento de futebol. As coi-

sas não duram sempre e, neste caso, depressa se rompe e estraga. Daí o nosso apelo novamente às casas de artigos de Desporto ou aos nossos amigos que nos quiserem presentear com equipamento ou bolas.

Além disto, todas as equipas de futebol, de qualquer zona, que queiram defrontar-nos é só participar para: Secção Desportiva — Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

Um obrigado, adiantado, em nome dos nossos desportistas.

«Marcelino»

O 16 de Julho em África

malanje

Mais uma vez celebrámos o dia 16 de Julho, data em que morreu Pai Américo. Não consideramos só dia do Pai Américo, como também dia da Obra da Rua.

Foi para nós, filhos da Obra, um grande dia.

Para tal organizámos uma pequena peça teatral, em frente ao nosso Cruzeiro, que contou com a participação das quatro casas: casa 2, casa 3, casa 1 e os nossos «Batazinhas» da casa-mãe.

A pequena peça teatral correu-nos muito bem. Também esteve entre nós o sr. Bispo da Diocese de Malanje.

Caros leitores, se me permitem, vou falar um pouco sobre a vida de Pai Américo:

Homem humilde e corajoso, fez os seus estudos em Portugal, tendo vindo para África. Pela primeira vez, esteve em Moçambique, onde participou numa Companhia inglesa que ali se encontrava. Nisto, não se sentindo satisfeito, voltou novamente a Portugal onde se internou num Seminário Religioso para melhor conhecer o nosso Deus. Então, resolve dedicar-se à vida dos Pobres e das crianças abandonadas.

Nele o amor e a intuição, levaram-no a descobrir o que noutros seria fruto da reflexão e do esforço.

Hoje vemos em África e Portugal várias Casas do Gaiato, umas ainda feitas por ele e outras pelos nossos continuadores.

A Obra da Rua continua ainda bem viva depois da morte do seu fundador.

A sua imagem está sempre presente em nossos corações.

Glória eterna à alma de Pai Américo.

João Serapozzo

BENGUELA

Cumpriu-se, dia 16 de Julho, o 22.º aniversário do nascimento de Pai Américo para junto de Deus.

Este dia, para nós rapazes, foi sem dúvida um grande dia. Pudemos verificar, mais uma vez, o amor que

Deus tem pelos homens e o amor que Pai Américo teve por nós que seguimos passo a passo o Seu caminho que para nós ficará marcado por toda a vida até a nossa partida para junto do Pai.

Na véspera, sábado, tivemos uma pequena peça teatral no nosso salão de festas. Pois o salão foi pequeno para receber tanta gente que até agora ainda não se esqueceu da nossa Obra E, na verdade, nessa mesma noite, verificámos o amor de muita gente por nós, que se sente satisfeita pela nossa presença no meio dela.

No dia 16, domingo, cerca das 11 horas, tivemos a nossa celebração em que participou muita gente amiga e em especial os nossos irmãos que já se encontram casados, cujos alicerces partiram da nossa Obra e principalmente do amor que Pai Américo teve por nós.

Seguidamente tivemos o nosso almoço. Depois fomos para o futebol, em que decorria o quadrangular do 2.º aniversário da nossa equipa. Classificámo-nos em 3.º lugar, ao perdermos, sábado, por 1-0 frente ao «1.º de Maio» e ao vencermos, finalmente, o «Nacional» de Benguela por 2-1.

Para nós, rapazes da Obra, o dia 16 de Julho foi, sem dúvida, uma festa cheia de calor e de saudades por aquele que tanto nós amamos, Pai Américo.

Carlos Alberto

Nota da Redação

Aqui têm tantos dos nossos leitores (certamente que viveram lá) que frequentemente nos pedem notícias das nossas Casas e dos nossos Padres em Angola.

Estes e os cronistas das Casas, sem merecerem um prémio de assiduidade, todavia, têm escrito nos últimos meses até um pouquinho mais do que vinha sendo costume. E as notícias, até agora, reflectem um trabalho continuado em estima, respeito e paz, graças a Deus. Assim seja!



Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Os nossos Leitores acodem na proporção das necessidades. Os Pobres, verdadeiramente pobres, não querem mais do que o necessário à sua decente subsistência. E Deus supre, desde que os homens se motivem a dar a mão — a partilhar. Deus supre, desde que não sejam moucos.

Ontem, como invariavelmente todos os dias, um aperitivo da refeição foi conceder a um pobre velho, reformado, a percentagem devida aos chamados beneficiários. Era uma dose industrial de remédios, todos eles necessários à conservação da vida.

Esse homem do campo é mais um luzeiro que, dirão muitos, se extingue. Mas não. Chamado pelo Senhor da vida, terá mais Vida. Será mais uma estrela, das muitas junto do Pai Celeste, a quem damos a mão. A nossa maior riqueza!

Depois, atendemos uma Mãe jovem. Moça formosa, causticada pela vida, de braço-dado a outra do mesmo naipe, que tem sido, também, um esteio forte do marido na promoção social do seu agregado.

— Estamos a levantar uma casa nova com muito sacrifício. Precisamos duma ajuda... Todos nós trabalhamos *consante* a gente pode, *consante* o dinheiro q' a gente poupa.

Os olhos desta Mãe faiscavam. A cara espelhava uma alegria interior, diria sacrificial, que é pena os políticos não darem fé, não entenderem; refugiando-se mais em suas teorias pavlovianas..., de ineficácia condenável — e prejudicial aos destinos do País.

— Como é que V. se lançaram na aventura?!...

— Não podíamos viver mais tempo naquele palheiro... Os filhos a crescer... E vamos construindo a casa ós poucos.

Levou promessa da telha, que a moradia, próximamente a visitar por um de nós, terá, com certeza, as mínimas condições de segurança e habitabilidade; já que o projecto foi aprovado oficialmente.

— É só de um piso, q' a gente não pode mais. É uma casa bonita. V. vai gostar — diz ela, por fim.

E andam os homens filosofando às turras..., como se há-de proceder à reconstrução do nosso País! Aqui têm, meus senhores. É tão fácil! Trabalhar.

Ora vamos lá dar nota da partilha dos nossos Leitores:

«Junto envio 200\$00 para os nossos irmãos, referentes aos meses de Junho e Julho. Peço desculpa do atraso. Não foi por esquecimento, nem descuido. É que as coisas nem sempre correm como nós desejaríamos. Mas, enfim, vale mais tarde do que nunca, não é assim?» — termina a assinante 11.162, do Porto.

Costa de Castelões, 500\$00. Assinante 25881, de Setúbal, dez vezes menos. Remanescente da assinatura de O GAIATO, de Armamar. Assinante 17022, o costume. «Por alma de Helena e João», 5.000\$00. Porto, mais 250\$00 de um Amigo da Rua Firmeza. Rosa, de S. Mamede de Infesta, 400\$00. Uma Helena, visitante, deixa 500\$00. Outra assinante d'algures com 200\$00. Alto lá! Ecutemos a assinante 17929:

«Esta vez vai um pouco atrasado, mas vai! É o preciso!

Por cada ano de vida, que por Misericórdia de Deus vou vivendo, mando para os nossos Irmãos, mais pobres da Conferência uma pequena migalha.

Este ano atrasei uns dias — nem sei como — pois devia mandar em Junho (26) data em que fiz um ano mais (82). Talvez a falta de forças, que não me deixa fazer tanto quanto preciso, com a rapidez de há anos atrás! Paciência...»

Outros 500\$00 do assinante 9790 pedindo «uma oração por uma intenção particular».

Rua Rodrigues Cabrilho, 250\$00, pedindo, também, «uma oração, agradecendo connosco os nossos quinze anos de casados! Apesar das coisas que sempre surgem — continua a nossa correspondente — tem sido uma vida a dois, em que partilhamos tudo, e o Senhor cumulou-nos de graças, até nos dando o nosso único filho no Céu».

Num mundo em que a dissolução marca pontos, esta carta haveria d'ir encaixilhada. Nem tudo são espinhos... Abençoado Matrimónio — o Grande Sacramento, na afirmação do Discípulo dos gentios.

Rua Pascoal de Melo, Lisboa, a remessa habitual. Nunca falta! «Uma portuense qualquer» também não e aqui está com a migalha de Julho. Por fim, 500\$00 de «Uma nulidade». Ouçamos d'alma aberta, com os olhos no Senhor, o desabafo deste Amigo d'algures:

«(...) Todos nós temos um Calvário, mais ou menos penoso. O meu, são os remorsos por ter levado uma vida pouco digna do que resulta agora estar sendo oprimido por ambiciosos, que desejam apoderar-se das minhas migalhas, que os meus pais muito dignamente me deixaram. Rogo a subida fineza de não se esquecerem, nas vossas orações, deste infeliz, que tem sido, e será até ao fim da vida que não estará muito longe.»

Amigo, vença a depressão! Lembre-se de Madalena...

Para todos, muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Lar de Coimbra

O nosso Lar em Coimbra é — e acreditamos que continuará a ser por muitos e muitos anos — o ninho que acolhe aqueles que para lá forem destacados para que tenham oportunidade de adquirir certa bagagem cultural e científica, oportunidade esta que nos é facilitada pelos nossos Amigos. É a todos estes Amigos e, particularmente aos professores da Cooperativa de Ensino de Coimbra, que nós — os que estudamos nesta Cooperativa e os que se empenharam para que isso fosse possível — estamos muito gratos.

Para que o Lar de Coimbra possa continuar a ser o nosso «ninho» e para que possamos beneficiar com a amizade dos nossos Amigos, é preciso que cada rapaz se sinta responsável por si, por tudo e por todos, dentro dos limites próprios de cada um. Havendo liberdade e responsabilidade em cada rapaz e laços que nos unam como Família, assim sim, seremos dignos do bem que recebe-

Do que nós necessitamos

Os costumados 250\$ mensais que nos chegaram da Figueira da Foz, de casal amigo. Cem de Espinho, «pelas melhoras do meu netinho»; 40\$ do Porto; 1.200\$00 da ass. 19601, deixados cá, quando nos visitou; mais 1.000\$00 da Murtoza; e 1.500\$00 de Lisboa. Em sufrá-

mos e os resultados positivos far-se-ão notar.

Eu, aqui, e por todos, não posso deixar de agradecer à tão amiga, querida sr.^a D. Julieta. Palavras e palavras, por mais rebuscadas que fossem, dificilmente construiriam frases que contivessem o amor e o bem que tantas e tantas pessoas querem aos gaiatos. Das senhoras muitos amigos D. Julieta, D. Helena e D. Margarida temos recebido grande ensinamentos de carácter intelectual, didático, moral e social. Todo o trabalho destas senhoras tem dado e continua e continuará sempre a dar bom fruto. Basta que observemos os resultados de mais um ano escolar que findou. Assim temos:

O 1.^o ano do Ciclo Preparatório foi feito pelo «Pinheiro Manso», Carlos, Paulito, Fernando e Adelino.

No 2.^o ano do mesmo Ciclo, houve exames para dois que não conseguiram vencer. Foram eles: Dias e Hipólito. O Guido e o Carlitos ficaram bem no exame.

O «Codo» e o Chiquito Zé passaram ao 8.^o ano de escolaridade.

O João Manuel e o Calmeiro fizeram, com êxito, o exame do 9.^o ano de escolaridade.

Eu tenho o 2.^o ano do Curso Complementar dos Liceus — secção de letras.

Todos nós trabalhámos, estudámos e enriquecemo-nos na Cooperativa de Ensino de Coimbra, onde todos os professores nos receberam com muito amor. É com muito amor que somos recebidos e tratados por toda a parte.

Falta-me ainda dar notícias doutros estudantes: o João António estuda na Escola Sidónio Pais. Durante o dia é ele que prepara as refeições no Lar, pois que estuda à noite. Foi bem classificado nos exames do 5.^o ano do Curso Comercial. O «Lita» anda em exames e por isso ainda não posso dizer o resultado final do seu 3.^o ano da Faculdade de Electrotecnia.

O Véstias, que trabalhava no Sindicato dos Empregados Bancários e estudava de noite, andava no 1.^o ano dos Complementares, mas no início do 3.^o período foi chamado a prestar serviço militar, deixando assim por concluir o dito ano.

O leitor verifica pelos resultados obtidos que a nossa vida escolar é bastante satisfatória, embora não satisfaça na sua totalidade. Há que conseguir mais e melhor; basta que cada um de nós saiba e queira procurar esforçar-se.

Para o ano, o nosso Lar irá receber a maior enchente de todos os tempos. Até lá gozaremos umas boas férias à beira-mar e trataremos da nossa quinta em Miranda do Corvo. É o pão-nosso-de-cada-dia.

Benjamim

gio do P.e Manuel Ribeiro Coelho, 4.000\$00. «Uma mãe que sofre», com 500\$. Judite com igual quantia. Da ass. 22578, 1.000\$ de promessa e 200\$ para o livro «Doutrina». De Tomar, 500\$ agradecendo a Deus um feliz acontecimento. Cheque de 30 contos, da Foz do Douro, de quem aparece anualmente. E 200\$ de Lisboa, para brinquedos de praia dos nossos mais pequenos.

Dina, de Tavira, com vale de 3.000\$ e uma cartinha cheia de amor pela nossa Obra e pelos nossos rapazes. Da Rua Serpa Pinto, 100\$ «por alma de meus pais». De Valadares, 500\$. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 200\$. Anónima com 500\$ por uma graça recebida. Mil de Arrancada do Vouga. Por alma de Rogério, 200\$ de Matosinhos. Cem de Caria. Mil da Rua António Patrício. Cinquenta do Porto. Ass. 30961, com 500\$. Roupas de Vilar Formoso. Mil escudos da Amadora. Também desta localidade, os 100\$ mensais em selos de correio. Cinco dólares, em memória de Júlia Caldeira e Rafael Barreto. Cheque de 500\$ de Coimbra. Peditório de paroquianos de Santa Maria de Avioso, quando da sua excursão à nossa Aldeia, 10.899\$. De paroquianos da freguesia de Sabrosa, 719\$50. Das empregadas da Casa Eduardo Martins, 529\$30, entregues pelas mãos da nossa assinante 33533.

Mil escudos de Sertã e palavras de muita amizade: «No momento em que termino a minha licenciatura não posso deixar de estar junto de vós com uma pequena lembrança. Será a maneira de partilhar convosco a minha alegria». Deus a ajude e que essa alegria permaneça para sempre. Mais cheque de 10.000\$, do Porto. Do casal M. H. e A. M., 50\$. Natália com 200\$. Avó de Coimbra com 100\$, pela graça recebida de uma neta. Mil e quinhentos por alma de António. Dez dólares do Canadá e um saco com vestuário. Migalhinha de 20\$, de Ois da Ribeira. E 1.000\$ de Alijó. De quem não conseguiu bilhetes para a Festa no Coliseu, 1.000\$. Cheque de 3.000\$ de Rua de Santana (à Lapa). Por uma graça recebida, 100\$ de Maria da Ponte. Assinante 25558 com 1.000\$. Roupas e calçado entregues no Lar do Porto. De Paço de Arcos, «gotas» da assinante 33820.

Da Travessa do Pote de

Água, várias presenças de 3.000\$, a dividir por todas as nossas Casas. Mil por uma graça recebida. Anónimo de Rio Tinto com 1.000\$. De Mesão-Frio, por alma de Laura d'Almeida, 100\$. Amigo do Fundão com a presença habitual. De Oeiras — Rua Heliodoro Salgado, 500\$ por alma duma senhora falecida em 16 de Julho. Da venda de pão, em Guilhabreu, 1.940\$. Do peditório na nossa Capela, de visitantes de Guilhabreu, 1.821\$50. Do pároco de Mafamude, entregue por duas paroquianas, 650\$. Em sufrágio de Júlia Barata Dias, 1.000\$. Mais duma excursão, 650\$. Entregue no Lar um título de dívida pública, de 2.000\$. De Clara Flores, 70\$. Em memória de Victor Silva Sá Lopes, 125\$. A mensalidade de 150\$, da Calçada da Estrela. Vale de mil, de Almada, duma promessa. Duma Conferência Feminina de S. Vicente de Paulo, 1.500\$.

Júlio com 500\$, por alma de sua mãe. «Velha assinante» do Monte Estoril, com 100\$. Em sufrágio de Ana da Conceição, 50\$. Mais 300\$, para baldes e pás, destinados aos nossos «Batatinhas». E a mensalidade de 300\$ que recebemos na Rua 31 de Janeiro, desde há anos. Pessoas amigas, interessadas no nosso dia-a-dia, souberam do incêndio nos estábulos da Casa de Paço de Sousa. Condoídas com o prejuízo, fizeram duas listas para a recolha de donativos, entre os seus colegas de trabalho. Assim, rec. do Pessoal da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 2.405\$. E do Pessoal das Finanças de Gaia, 1.320\$. Bem hajam pela lembrança.

Da residência dos Padres Jesuítas à Rua N.^a S.^a de Fátima, recebemos para os nossos rapazes, com muita simpatia, três pacotes de roupa. «É oferta generosa de outros rapazes e moças, que se sentiram na obrigação de repartirem com aqueles que são seus irmãos».

Foi num destes domingos últimos que tivemos a grata visita da «Voz dos Ridículos». Com eles, um mar de gente. Foi um convívio alegre e saudável. E o resultado foram 31.720\$, não contando com outras dádivas entregues em mãos.

O nosso abraço agradecido. E voltem sempre.

Manuel Pinto

Procuro o silêncio para poder escrever, mas o barulho das máquinas da carpintaria e os ruídos das ferramentas eléctricas da serralharia e o trabalho do tractor não me deixam concentrar.

● Os vendedores de O GAIA-TO regressaram ofegantes de alegria: «Os jornais já não chegaram para de tarde. Cada vez as pessoas gostam mais de nós e são muito nossas amigas».

● Passei pela secretaria da Cooperativa de Ensino de Coimbra a agradecer o ano escolar que terminou, e a pedir o amor que sempre nos tem acolhido para o próximo ano. «Esperamos poder abrir sempre as portas aos gaiatos» — foi a resposta de todas aquelas caras de sorriso.

● Cheguei já noite alta depois de falar e pedir em todas as Missas daquela praia. Nós andamos todos tão ansiosos da Palavra de Deus quando essa Palavra é vida testemunhada na vida dos nossos Irmãos! Que silêncio! Que sorrisos! Que lágrimas!

● Fui à praia levar mantimentos e ver os nossos que lá estão. Eles andam com a pele tão escura e sentem-se tão felizes que não fui capaz de trazer algum. Que pena todos aqueles que trabalham não podem ter férias!

E aqueles que têm necessidade do mar não o podem ter!

Há tantos que têm demais!

● Ando cansado de tantos passos que tenho de dar pela nossa quinta. Os tratamentos. As regas. Os amanhos. O colher da fruta. A erva para o gado. O plantar de novo. A vida a crescer. Os meus pés já cansados de tantos passos.

● A piscina é um espelho. Tão verde e azulada, tão cobijada e querida que cada vez encanta mais. A bica de água corre noite e dia. As andorinhas banham-se e repenham-se.

As cigarras empoleiradas e muito escondidinhas nas oliveiras cantam o calor do sol. Alguns dos pequenitos vão espelhar.

As rolas na gaiola fazem criação e há rolinhas já nascidas. Acordamos de manhãzinha ao cantar das nossas rolas.

● A nossa «Guarda» teve uma ninhada e os rapazes trouxeram um cãozinho da Covilhã. Eles só querem brincar um com o outro e com as nossas roupas. E a «Guarda» toda se baba a ensiná-los e a vê-los brincar. E nós também.

Muito obrigado Senhor por mais um dia e pelas Vossas maravilhas.

Padre Horácio

AGORA

Cont. da 1.ª pág.

tagiem outros a sair da inércia e a lançarem-se nesta sã aventura de construir uma casa — fundamento imprescindível de um lar. Se o coração é necessário para dar vida e calor a um acto de fraternidade, não é menos necessário que este problema básico de Justiça Social seja encarado com inteligência esclarecida da sua extensão e profundidade — e esta consciência será o verdadeiro motor da nossa acção, da qual ninguém se pode considerar desquitado enquanto o problema for, extenso e profundo como é. E quando deixará de o ser?...! E vamos esperar por estruturas sociais densas de Justiça, ricas de dinamismo e providas de meios à dimensão de tantos problemas que afligem o Povo, que possam finalmente sarar as feridas que cobrem o seu corpo social?...! Seria ingenuidade, senão um falso argumento a desmobilizar-nos do dever de sermos irmãos uns dos outros. Como podemos sê-lo sem partilhar com os que têm menos do que nós?

Esta procissão é visitada há largos anos por pessoas e grupos que muito admiramos pela sua persistência, pelo testemunho da sua insatisfação: Eles os de todos os meses; eles os das casas a prestações (sa-

bendo, todavia, que não é para a edificação de uma casa a que, de certo modo, poderiam chamar sua, que estão concorrendo!); eles os Pessoais da ex-HICA e da Caixa Têxtil do Porto que há muitos anos se cotizam e enviam a sua migalha mensal; eles, os que não sofrem ter conseguido uma casa para si, sem repartirem o seu contentamento em dons que ajudem outros a alcançar a mesma meta.

Foi há poucas semanas. Soubera momentos antes de um caso de venalidade muito triste. Passámos, a buscar um fanel que se repete semanalmente há vários anos. Conversámos um pouco. Misérias de próximos que aquela alma sente como se fossem suas.

— E nós que tínhamos uma casinha tão boa e agora a melhorámos — e tanta gente sem casa!

— Oh mulher, goze tranquilamente a sua casa. Vocês mourejam todo o dia. Aos vossos filhos, desde pequeninos, os vejo aqui a colaborar no trabalho. Não é justo que ao fim do dia tenham o seu aconchego?

Mas ela não se conforma. Há meses, no fim de uma das nossas festas, veio meter-me num bolso um embrulho grosseiro. Eram treze contos. Neste dia, fez o mesmo: «É pra

Nestes últimos dias, a nossa Casa tem sido a Porta Aberta para a entrada de miúdos que estavam à espera... Vêm chegando e reagem cada um à sua maneira perante a nossa vida turbulenta e confusa, à primeira vista. O «Piasquinhas» — irmão do «Pião» e do «Piascas» — entrou na nossa vida com tanta serenidade que até me fez inveja. Claro, ajudado pela mão cheia de leveza e ternura do irmão mais velho. As lágrimas tão depressa vieram como foram. A fuga, talvez nem pelo pensamento. A angústia do passado, logo ultrapassada pelo interesse da nossa vida. Um exemplo de irmãos em fase de verdadeira libertação de toda uma vida esfarapada aos bocadinhos, por que já passaram todos os três.

Outro irmão do «Tiroliro» e do «Tiroliról» também já chegou, vindo do Algarve. Todos simpáticos e alegres. Com ele, vieram mais dois algarvios... Sem irmãos aqui e com todo um mundo desconhecido, desde as caras aos montes com muitos pinheiros altos. E as sombras do espírito apareceram, fazendo estragos. Primeiro um, depois os dois, foram dar um «giro». O Carlos foi o primeiro a ir e ia perguntando o caminho para Vila Real. No Norte, quem não sabe dizer onde fica tal terra? Assim fi-

telhados». Eram vinte contos.

— São migalhinhas que eu vou poupando dia-a-dia. Olhe que não quero que ninguém saiba!

E ninguém fica sabendo quem ela é. Mas o gesto é luz e não se pode esconder sob nenhum alqueire. É bom, é salutar que nós saibamos que nesta terra há almas que são escoras a evitar a sua ruína, como a Escritura Santa mais de uma vez nos conta. Não é conhecida de ninguém, não ostenta condecorações, não frequenta elites internacionais. É simplesmente a cidadã de uma Pátria doente que, se tivesse muitos cidadãos desta raça, seria uma Pátria sã e próspera e difusora de prosperidade.

Que estes habituais devotos do Agora chamem muitos mais.

Para já, nesta quinzena passada, depois das últimas notícias, entre fontes que há muito não deitavam água e outros fiozinhos que, sem se saber de onde, engrossaram a corrente, foi possível juntar quase duas centenas de contos com que aviámos os que esperavam sofredoramente a sua vez.

Mas isto não é rio de secar, que muitos e de direito são os que nele vêm beber. Torrentes, não. Também não vamos abrir comportas de barragens. Um fiozinho de água certo, que nos permita alimentar a Esperança dos que não têm mais em que esperar senão da força dos seus braços, da determinação da sua alma, de Deus que é Pai e não engana.

Padre Carlos

zaram as pessoas que o encontraram. Mas ele é de Vila Real de Santo António! E a estrada que seguiu era errada e por isso voltou, trazido por alguém que se interessou mais por saber quem era o rapaz do que ensinar o caminho sem saber a quem... e quando regressou, a sr.ª D. Mimi recebeu-o, apertou-o e desabafou-me:

— Repare no bater do coração dele, que até faz lembrar a aflição dos passarinhos quando caem do ninho...

A comparação mais bonita!... Era verdade! E passados dias, o «passarinho» voltou a cair do «ninho», mas agora acompanhado do seu colega algarvio, o Adriano. Dormiram uma noite na GNR de Rio Tinto e voltaram, dizendo que os tinham tratado muito bem lá. A gente sente alegria nisto, mas quando for assim, a par do bom trato, um ralhete bem forte só faz bem. Com certeza que ninguém sofre mais com qualquer fuga dos nossos,

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

utopia incansável e concreta, o homem da esperança histórica indefinida, porque é o homem da virtude teológica da Esperança» (D. António, Bispo do Porto). Há que acreditar nos homens e trágico seria que já não os houvesse na nossa Terra! Todos não somos demais para continuar Portugal. As dificuldades resolvem-se enfrentando-as, com coragem e rectidão.

■ É de há largos anos uma presença anónima no nosso correio: «promessa sem ser promessa». Pela construção gramatical trata-se de Amigo do sexo masculino. Gostamos do processo. Aqui fica registado o facto. Ser-se discreto e perseverante não é acessível a todos.

■ Um grupo dos nossos Rapazes está em S. Julião da Ericeira. Outros se seguirão. Antes estiveram lá crianças da diocese de Portalegre. A partilha daquilo de que dispomos está nos nossos modos de agir. Deus seja louvado!

Padre Luiz

Ernesto Pinto



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Julio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa



● Amériquito e Porfirio vêm atarefados, cada um com seu braçado de ovos.

«São ovos de pata. Nós sabemos dum ninho onde elas vão pôr» — dizem os dois, todos contentes. E lá foram eles à cozinha entregar o seu achado ao Pepe.

Eles não estão encarregados de fazer a colheita dos ditos, mas «nós sabemos dum ninho...». O à vontade, a alegria e a espontaneidade com que eles fazem estas coisas dizem-nos e incitam-nos a desejar o ambiente familiar que eles não tiveram.

Eles mai-la natureza naquilo que lhes pertence.

● Eu passava para o galinheiro. No caminho encontrei um grupo deles a sachar cebolo. Dum lado e doutro da estrada há dele plantado bem. Um já foi plantado muito primeiro, mas como não foi mondado a tempo, veio a erva e cobriu-o. Foi muito difícil mondá-lo e, pelo que sei de agricultura, vejo que não há-de produzir como podia. Outro, a erva que iria crescer e prejudicar o fruto, está a ser arrancada a seu tempo, para que a cultura se possa desenvolver.

Ora isto traz-nos doutrina: Nós nascemos juntos com sementes más que crescem conosco lado a lado. Se o cultivador não se importar, o fruto acaba por morrer por via das ervas se multiplicarem.